



XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB)
ISSN 2177-3688

GT 6 – Informação, educação e trabalho
Comunicação Oral

**BIBLIOTERAPIA: PERCEPÇÃO DOS DISCENTES DE
BIBLIOTECONOMIA DA UFSC E UDESC¹**

***BIBLIOTHERAPY: THE STUDENT'S PERCEPTIONS OF THE THE
LIBRARIANSHIP COURSES OF THE FEDERAL AND STATE
UNIVERSITIES OF SANTA CATARINA***

Clarice Fortikamp Caldin

Inez Helena Garcia, UFSC
inezflor@gmail.com

RESUMO: A biblioterapia vale-se da leitura, narração ou dramatização de histórias como possível instrumento de transformação social, pois intenta que o indivíduo atinja a catarse, desenvolva a imaginação e a reflexão, o que contribui para a convivência (consigo mesmo e com o outro) e também para minimizar os sentimentos de angústia, isolamento, fragilidade física e emocional decorrentes de problemáticas sociais enfrentadas pelo homem. Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar quais são as percepções que os discentes dos cursos de Biblioteconomia das Universidades Federal e Estadual de Santa Catarina têm da biblioterapia, e, como objetivos específicos, levantar suas opiniões sobre a biblioterapia como campo de atuação do bibliotecário; levantar suas opiniões a respeito da interação profissional do bibliotecário com outros profissionais nas práticas de biblioterapia. A metodologia utilizada foi a Análise do Discurso, que utiliza a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo cujo fundamento é a Teoria das Representações Sociais. É uma pesquisa exploratório-descritiva e de caráter qualitativo. Como instrumentos de pesquisa foram utilizados um questionário e um formulário de entrevista. Com esta pesquisa obteve-se análises comparativas dos discursos acerca da representatividade que a biblioterapia tem para os discentes de biblioteconomia das Universidades Federal e Estadual de Santa Catarina. Conclui-se que os discentes de Biblioteconomia reconhecem a importância da Biblioterapia para a sociedade, apesar de ser considerada uma área ainda incipiente. O estudo demonstra que, na opinião dos discentes, a biblioterapia é um campo fértil de atuação do bibliotecário e que é fundamental que ele interaja com outros profissionais.

Palavras-chave: Biblioterapia. Leitura. Formação acadêmica. Representação social. Campo de atuação do bibliotecário.

¹ O conteúdo textual deste artigo, os nomes e e-mails foram extraídos dos metadados informados e são de total responsabilidade dos autores do trabalho.

ABSTRACT: The Bibliotherapy utilizes reading, narrative or dramatization of stories as a possible instrument of social transformation, because it attempts that the individual reaches catharsis, develop imagination and reflection that contributes to coexistence (with self and with others) and also to minimize feelings as anguish, isolation, physical and emotional fragilities arising from social problematics faced by human beings. This research has as general objective investigate what is the perception that the librarianship students of Federal and State Universities of Santa Catarina have about bibliotherapy, and how specific objectives raise their opinions about bibliotherapy as an operation field to librarians; raise their opinions about the professional librarianship interaction with others professionals at the bibliotherapy practices. The methodology used was the speech analysis, who use the technique of Collective Subject Speech whose fundamentals is the Social Representations Theory. It is an exploratory-descriptive research with a qualitative character. As a research tool it was used a questionnaire and an interview formulary. With this research it was obtained a comparative analysis of the speeches about the representativity that the bibliotherapy has to the librarianship students from the Federal and State Universities from Santa Catarina. It's concluded that the librarianship students recognize the bibliotherapy meaning to society, in spite of be considered an area yet incipient. The study demonstrate that in student's opinion the bibliotherapy is a prolific field to the librarian actuation and It's fundamental the interaction with other professionals.

Keywords: Bibliotherapy. Reading. Academic Formation. Social Representation. Librarian's actuations field.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Biblioterapia significa terapia por meio dos livros. Muito embora seja uma técnica antiga – pois o ser humano sempre sentiu prazer em compartilhar uma história, seja oralizada, seja impressa – recebeu esse nome no século XX e tem sido entendida como uma prática que se vale da leitura dirigida, ou seja, o público-alvo é contemplado com histórias selecionadas por um profissional, que pode ser médico, psicólogo, bibliotecário e professor (CALDIN, 2010).

Em algumas regiões do Brasil a Biblioterapia vem sendo realizada por profissionais bibliotecários que lideram projetos e frentes acerca da Biblioterapia, o que demonstra que ela esta intimamente relacionada à área da Biblioteconomia, seja pela associação que se faz com livros e leitura, seja com a biblioteca enquanto instituição fomentadora do ato de ler.

Porém, não há um curso específico na área da Biblioteconomia para formar ou capacitar profissionais para a sua utilização, muito embora tenha havido uma iniciativa isolada, em 2001 que se estendeu a 2002, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), liderada por uma professora do Curso de graduação em Biblioteconomia.

Grosso modo, a Biblioterapia é realizada da maneira que cada profissional a entende. Isto implica dizer que tanto a disponibilização de um livro a uma pessoa, quanto à realização da leitura de determinada obra preestabelecida com fins terapêuticos vem sendo entendido como Biblioterapia.

As motivações que despertaram o interesse da pesquisadora pela biblioterapia se devem ao fato de como bibliotecária, perceber a importância da leitura, e o papel desta como apoio ao ser humano em seu desenvolvimento emocional, pessoal e profissional; e também por vivência pessoal, uma vez que passou por um processo de terapia no qual a leitura foi fundamental em seu tratamento e transformação.

Diante disso, e com base no pouco entendimento da Biblioterapia como prática profissional por parte dos profissionais bibliotecários é que se decidiu investigar as percepções que os discentes dos cursos de Biblioteconomia das Universidades Federais e Estaduais de Santa Catarina têm da biblioterapia.

A pesquisa tem como objetivo geral: investigar quais as percepções que os discentes dos Cursos de Biblioteconomia das Universidades Federal e Estadual de Santa Catarina têm da Biblioterapia; e como objetivos específicos: levantar suas opiniões sobre a biblioterapia como campo de atuação do bibliotecário; levantar suas opiniões a respeito da interação profissional do bibliotecário com outros profissionais nas práticas de biblioterapia.

2 BIBLIOTERAPIA

Ler é uma das atividades necessárias para o equilíbrio do corpo e da mente, e pode se configurar também, para além de um instante de relaxamento e conhecimento, como um elemento de transformação, de promoção de bem-estar físico e mental, com função terapêutica e curativa, que pode auxiliar o homem a modificar seu destino diante das problemáticas sociais que se apresentam e que estão relacionadas a sentimentos de angústia, medo, isolamento, fragilidade física e emocional.

Para ilustrar, apresenta-se o depoimento de um dos maiores nomes da literatura infanto juvenil no Brasil, Bandeira (2014, grifo do autor):

Menino santista, caçula com irmãos muito mais velhos, não me lembro de sentir-me solitário, pois logo vivi cercado por uma multidão de companheiros: cacei onças com meu amigo Pedrinho, mergulhei nas águas claras dos riachos com minha namorada Narizinho, rolei de rir com as “asneiras” da Emília, vooi em cipós com Tarzan e seus macacos, esgrimi contra os aristocratas com Scaramouche e contra os “guardas do cardeal” com Dartagnan, estive preso na ilha de If com o Conde de Montecristo, fugi de Javert com Jean Valjean, sobrevivi numa ilha deserta com Robinson Crusoe, persegui Moby Dick com um comandante maluco de uma perna só, fui enganado pelo fantástico pirata Long John Silver, ajudei Miles Hendon a proteger o príncipe nas roupas do mendigo, vagabundeei pelo Mississipi com Huck e Tom Sawyer, demoli moinhos de vento com a lança de Don Quixote, espionei Arsène Lupin roubando colares de diamante, ajudei Quasimodo a badalar seus sinos pelo amor da cigana Esmeralda, enregelei-me no Alasca afagando o pêlo espesso de Caninos Brancos e cavalguei destemido pelos pampas gaúchos na companhia de Rodrigo Cambará. [...]

Pedro Bandeira, assim como tantas outras crianças e adolescentes encontrou na leitura seu refúgio, proteção, uma nova maneira de viver e encarar a vida e tudo que nela se apresentou, ou seja, por meio da leitura visitou lugares onde existe o belo, experimentou cheiros, gostos, cores, aventuras e conheceu mundos diferentes do cenário de sua realidade. É provável que isso de alguma forma fez a diferença em sua vida adulta, o transformou, o melhorou enquanto ser humano que é.

O ato de ler ou ouvir uma história é parte essencial para o desenvolvimento do homem em sua totalidade, uma vez que o torna sábio, o mune com o conhecimento necessário para seguir a sua caminhada pela vida. Por meio da leitura o homem torna-se capaz de construir, imaginar outras possibilidades e sonhar; e assim, encontrar mobilidade no tabuleiro social, começando a pensar, em tempos em que o pensamento se faz raro (PETIT, 2008; MACIEL, 2012; ALMEIDA; BORTOLIN, 2013).

Em culturas tradicionais da história humana, velhos sábios fizeram uso de metáforas e histórias no desenvolvimento de seu papel de mentores e guias para as crianças de suas tribos e comunidades. Por meio de contos de sabedoria atingiram a realidade imaginativa das crianças, levando-as à transformação de comportamento e condução de vida de forma positiva e afirmativa (PERROW, 2013).

De acordo com Caldin (2010, p. 65) a leitura por meio do uso de material ficcional possibilita ao ser humano o restabelecimento do equilíbrio de sua existência, pois uma vez que se envolve com a leitura, se esquece do “rolo compressor da tecnologia e volta-se para si mesmo como fonte de conhecimento” (introspecção), harmonização com a “essência de existir (pela identificação com as personagens) e se libera (pela catarse)”.

A utilização da leitura como função terapêutica tem sido abordada por diversos autores (OUAKNIN, 1996; PEREIRA, 1996; WITTER, 2004; SUNDERLAND; 2005; SEITZ, 2006; CALDIN, 2010; BERNARDINO; ELLIOT; ROLIM NETO, 2012, JERÔNIMO *et al*, 2012), estando mais voltada e centrada em hospitais, escolas, centros de recuperação, asilos, presídios.

Neste sentido, a Biblioterapia tem se configurado como uma dessas ações que utilizam a leitura de textos literários como ferramenta, e seja por meio da leitura dirigida e/ou

individual² vem conquistando um espaço privilegiado com possibilidade de proporcionar transformação na sociedade.

A Biblioterapia utiliza a leitura, dramatização ou narração de histórias no seu desenvolvimento, operando no leitor e/ou ouvinte o efeito de placidez, pois possui a “virtude de ser sedativa e curativa” (CALDIN, 2001, p. 1).

Assim se configura como contribuição terapêutica para minimizar os sentimentos de angústia, isolamento, fragilidade física e emocional decorrentes de problemáticas sociais enfrentadas pelas pessoas na atual sociedade. De acordo com a literatura sobre o assunto, tal prática traz resultados positivos que se refletem na qualidade de vida do ser humano e o seu entorno.

Em épocas remotas alguns povos já consideravam a leitura como medida terapêutica no tratamento de doentes, sendo possível encontrar bibliotecas antigas e medievais com inscrições que apontavam ao valor terapêutico da leitura. Para os gregos suas bibliotecas eram “repositório de remédio para o espírito” (PEREIRA, 1996, p. 36). Há três milênios, Ramsés II, faraó egípcio, mandou colocar no frontispício de sua biblioteca a inscrição: “Remédios para a Alma” (PEREIRA, 1996, p. 36).

A Abadia de São Gall, localizada na Suíça, e considerada uma das mais importantes da Ordem Beneditina, apresentava a inscrição: “Tesouro dos remédios da alma”; ali textos sagrados eram recitados. Ainda hoje outros povos, praticantes de outras religiões ou filosofias de vida para além do Cristianismo, utilizam a leitura da palavra sagrada ou do trabalho desenvolvido a partir de textos de tradição oral, como função terapêutica. Um exemplo é do povo muçulmano, que conta com *muezims*³ que lê o Corão para os doentes dia e noite nos hospitais do Cairo (MALTEZ, 2011). O que denota que a capacidade terapêutica do livro vem de muito tempo como apontou Caldin (2010) tem origem nas antigas civilizações egípcia, grega e romana, pois estes povos consideravam as bibliotecas um espaço sagrado, repositório de textos cuja leitura possibilitaria um alívio das enfermidades, tão logo se pode considerar que é nas antigas civilizações que a Biblioterapia tem sua origem.

Na América do Norte a Biblioterapia ressurgiu em meados do século XIX, por meio de trabalhos relacionando a biblioteca à ação terapêutica. Benjamim Rush, nos anos de 1802 e 1810, foi o primeiro médico a recomendar a leitura em hospitais, primeiramente como parte

² Proust (1991 *apud* CALDIN, 2010, p. 65) concedeu propriedades medicinais à leitura individual. E sabe-se que muitos buscam na leitura individual conforto para suas angústias, de fato, sentem-se aliviados e revigorados depois de tal exercício.

³ Termo árabe que designa o arauto encarregado de anunciar, do alto dos minaretes (Torres de uma mesquita), a hora das preces obrigatórias para os muçulmanos. Fonte: <http://www.dicionarioinformal.com.br/muezim/>.

do tratamento para doentes comuns e posteriormente para doentes mentais. Um dos primeiros artigos sobre Biblioterapia foi escrito pelo médico John Minson Galt II, que também ficou conhecido em 1853 pelo ensaio que tratou da leitura, recreação e diversão para doentes mentais (ALVES, 1982).

Durante a Primeira Guerra Mundial, a serviço da Cruz Vermelha, voluntários aplicaram a biblioterapia e ajudaram na construção de bibliotecas nos hospitais do exército para, com os livros, auxiliar na recuperação do grande número de vítimas de guerra. Enfermeiros e médicos americanos foram quem desenvolveram essa prática nos hospitais que se enchiam de soldados e civis. Nesses espaços a leitura era benéfica e calmante para os que estavam em sofrimento (MALTEZ, 2011).

Os registros históricos da Biblioterapia demonstram sua continuidade ao longo dos tempos, e para compreender a sua evolução na forma comum de leitura direta e discussão de grupo, se faz importante verificar os campos principais de sua atuação, seja na Biblioteconomia, seja na Psicologia (PEREIRA, 1996, p. 38).

No campo da Biblioteconomia está relacionada com o início do Serviço de Referência, quando *Justin Winson* da *Havard University* em 1877, possibilitou a circulação dos livros entre os estudantes. Nessa época a expressão Serviço de Referência passou a ser utilizada para substituir as expressões Ajuda aos leitores e Assistência aos leitores. Importante frisar que aproximadamente em 1900, o serviço de referência já era disponibilizado na Biblioteca Pública de Detroit e suas filiais, e cinco anos após foi estabelecido o cargo de Anfitriã Bibliotecária, na Biblioteca Pública de Washington DC que tinha como função guiar seus visitantes e era um cargo diretamente ligado ao Serviço de Referência e em 1945 foi considerado um cargo de circulação de leitores (PEREIRA, 1996, p. 40).

Assim, ajudar ou assistir aos leitores promovendo programas de leitura para grupos variados naquela época eram consideradas atividades precursoras da biblioterapia; como é possível verificar na literatura, muitos dos serviços de aconselhamento ao leitor nos anos 1940 foram integrados ao Departamento de Educação de Adultos das Bibliotecas Públicas (PEREIRA, 1996).

Porém, somente em 1914, é que ocorreu o reconhecimento oficial da Biblioterapia como ramo da Biblioteconomia, e a definição do termo como o emprego de livros e de sua leitura no tratamento de doenças mentais constante no dicionário médico *Dorland's illustrated medical dictionary* data de 1941 (ALVES, 1982).

Na Psicologia, a Biblioterapia origina-se da terapia em grupo que por sua vez surgiu após a Segunda Guerra Mundial. As consequências da guerra trouxeram muitas mudanças e

as terapias individuais não eram suficientes para dar conta da quantidade de novos pacientes no pós-guerra. Após essa época, a produção de trabalhos a respeito da Biblioterapia foi significativa, sendo desenvolvida e publicada por áreas como a Enfermagem, Terapia Ocupacional, Psiquiatria e Educação, denotando o caráter interdisciplinar da Biblioterapia (PEREIRA, 1996).

A *American Library Association* (ALA) foi uma das primeiras organizações profissionais a promover a terapia por meio da leitura e que criou o *American Library Association Bibliotherapy Committee*. A partir disso, a Biblioterapia consegue reconhecimento oficial se tornando importante e se desenvolvendo enquanto prática juntamente com a medicina, quanto no trabalho conjunto entre bibliotecários e psicólogos (MALTEZ, 2011).

Apesar de não haver um consenso em relação a isso, fica notória a percepção de sua importância desde a antiguidade até os dias atuais para a sociedade, seja para aqueles que a utilizam como ferramenta ou para aqueles que aproveitam os seus benefícios.

No século XXI a Biblioterapia vem conquistando espaço e buscando se firmar como área do conhecimento, e campo de atuação dos profissionais que dela fazem uso, e por isso importante se faz apresentar o que há na literatura acerca dos conceitos de Biblioterapia.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Nessa pesquisa foram utilizadas as pesquisa exploratória e descritiva. A pesquisa exploratória para Cervo, Bervian e Silva (2009, p. 63-64) “requer um planejamento bastante flexível para possibilitar a consideração dos mais diversos aspectos de um problema ou de uma situação”, sendo recomendada quando há pouco conhecimento sobre o tema de estudo. Para Braga (2007) a pesquisa com finalidade descritiva, identifica as características de um determinado problema ou questão, descrevendo o comportamento dos fatos e fenômenos.

Tem caráter qualitativo que segundo Flick (2009, p. 25) torna-se um processo contínuo de construção de versões da realidade, cujo foco não é apenas o fenômeno estudado em si, mas o relato ou o discurso do sujeito de pesquisa sobre o fenômeno vivido ou presenciado por ele. Para Braga (2007, p. 21) esse relato ou discurso pode ser uma nova versão dada pelo sujeito sobre o fenômeno vivido ou presenciado e, por sua vez, o pesquisador dará também sua própria versão sobre os dados coletados.

Foram utilizados dois instrumentos de coleta de dados: Questionário de identificação e o Roteiro de Entrevista, bem como realizado pré-teste e tomados todos os cuidados éticos na pesquisa com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Como participantes da pesquisa foram escolhidos os discentes dos Cursos de Biblioteconomia das Universidades Federal e Estadual do Estado de Santa Catarina.

Para analisar os discursos dos discentes de biblioteconomia foi utilizada a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo – DSC, que tem suas origens na Análise do discurso.

O DSC é uma maneira de representar e reproduzir o pensamento de uma coletividade e se constitui de uma técnica desenvolvida para “as pesquisas de opinião, de representação social” ou, “mais genericamente, de atribuição social de sentido, que tenham como material de base depoimentos ou outros suportes de material verbal como matérias de revistas, jornais, etc.” (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012, p. 16).

A técnica do DSC resgata o universo das diferenças (diferentes modos de pensar) e semelhanças entre visões dos atores sociais ou sujeitos coletivos que o habitam, além de permitir mostrar que sempre há diferentes tipos ou categorias de pensamento coletivo entre as populações envolvidas na pesquisa (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012).

Para o tratamento e análise dos dados, bem como para a obtenção do discurso coletivo o DSC utiliza alguns operadores⁴, que nada mais são do que figuras metodológicas usadas para tratar e analisar os discursos obtidos na entrevista.

4 BIBLIOTERAPIA NA PERCEPÇÃO DO DISCENTE DE BIBLIOTECONOMIA

De acordo com a literatura pesquisada sobre o assunto, Biblioterapia é a terapia por meio de livros (OUAKNIN, 1996; SEITZ, 2006; CALDIN, 2010). Tal entendimento também fica evidente no Discurso do sujeito⁵ desta pesquisa, como é possível verificar:

*[...] algo relacionado à leitura de livros com alguma função terapêutica [...]*⁶. *É fazer algum tipo de terapia usando os recursos que a Biblioteconomia te oferece, sejam eles livros, ou até mesmo uma contação de histórias, enfim todos os recursos que tu podes usar como fonte de informação [...].*

No decorrer do Discurso do sujeito a Biblioterapia aparece relacionada a ações de leitura, sendo a contação de histórias a mais recorrente, que surge algumas vezes, ora dando conotação de que são sinônimos ou de que tem o mesmo propósito. Este fato denota a possibilidade de não haver clareza por parte dos discentes no que diz respeito à Biblioterapia e qual a sua relação com a Contação de histórias. É provável que a ausência de clareza a

⁴ Expressões-Chave (ECH), Ideias Centrais (IC) e Ancoragem (LEFEVERE; LEFEVERE, 2012). Ressalta-se que nesta pesquisa foram utilizadas apenas as ECH e IC.

⁵ O recurso itálico é utilizado para os discursos transcritos e o recurso sublinhado para os conectores acrescentados pela autora.

⁶ Os colchetes representam a supressão de trechos dos discursos transcritos.

respeito, ocorra devido ao fato de Biblioterapia ser ainda uma área incipiente e pouco explorada, seja no âmbito de formação ou profissional.

Grosso modo, a palavra contação nada mais é do que um sinônimo de narração, uma forma de leitura da qual tanto a Biblioterapia quanto a Contação de história se valem em suas práticas. E apesar de fazerem uso dos mesmos recursos, e se valerem da mesma forma de leitura – contação/narração de histórias são ações diferentes (CALDIN, 2010).

A Biblioterapia utiliza a contação/narração com um propósito terapêutico. De acordo com Bernardino, Elliott e Rolim Neto (2012), a contação/narração de histórias pode ser identificada como uma atividade auxiliar da Biblioterapia, devido a sua dimensão lúdica que possibilita ao ouvinte ser transportado para um universo de fantasia, se identificando com as personagens e gerando assim a desfocalização do problema pelo qual está passando.

Para Bernardino, Elliott e Rolim Neto (2012) o que diferencia a leitura normalmente realizada da leitura proporcionada na Biblioterapia, é justamente a intensidade e os objetivos a que se propõe. Pois, no momento em que a leitura assume uma função terapêutica, inicia-se um processo de aproximação do ouvinte com o texto lido; tão logo ocorra a identificação e interpretação, leva-o a assumir outra postura, ou seja, possibilita uma transformação ou cura.

Caldin (2010) afirma que para uma história ser utilizada em atividades de Biblioterapia, é necessário que possibilite ao leitor, ouvinte ou espectador criar novas significações, uma nova forma de compreender o mundo que o cerca, pois é primordial que a história toque o leitor de alguma forma e que tenha relação com a realidade experienciada pelo leitor no momento em que for contada. A autora destaca que se uma contação de histórias for realizada com propósitos terapêuticos e sem cobranças pedagógicas, pode também ser considerada Biblioterapia.

Assim, é possível perceber que a diferença existente entre a Biblioterapia e a contação de história, são os objetivos a que se propõe cada uma dessas atividades, uma vez que a primeira utiliza a contação/narração com um propósito terapêutico e a segunda com o propósito de disseminar e promover a leitura. É provável que este seja o motivo da constante associação entre ambas, conforme aparece no Discurso do Sujeito Coletivo: [...] *Vejo poucas ações de biblioterapia, e dentro dessas a mais comum que eu pelo menos vejo é a contação de histórias. [...].*

Em se tratando do potencial terapêutico de uma história, Perrow (2013) afirma que toda história possui potencial curativo e terapêutico, independentemente se faz a pessoa rir ou chorar, pois entende que assim como o riso, o choro também pode ser considerado curativo. Para a autora, os temas universais e desfechos dos contos de fada e folclóricos, são

possibilidades curativas, pois é provável que possam proporcionar esperança e coragem no enfrentamento dos desafios da vida e apoiar ao leitor/ouvinte/espectador a encontrar caminhos para seguir.

O Discurso do Sujeito Coletivo também tem o entendimento de que a leitura quando utilizada de forma terapêutica apoia e auxilia quem a recebe: *[...] Trabalha [...] questões internas [...] é quando tu tá lendo para as pessoas, e elas têm esta identificação com a personagem, [...] o apaziguamento das emoções, a catarse [...] eu vejo como um efeito benéfico [...] que pode ajudar as pessoas a passarem [...] por um momento difícil [...] tratar de algum problema [...] psicológico ou de saúde.*

Ouvir uma história terapêutica possibilita o despertar de uma esperança, pois:

*[...] a personagem central da história terapêutica continua firme depois de chegar ao fundo do poço. A mensagem é forte e clara: **não desista. Ali, logo virando a esquina, há sempre alguma coisa para ajudá-lo. Só, que como está logo virando a esquina, ainda não dá para ver direito** (SUNDERLAND, 2005, p. 27, grifo nosso).*

Ao se identificar com a personagem o leitor/ouvinte/espectador, inicia o processo de liberação de suas emoções, e o que antes era pesado começa a ficar leve, como se estivesse diluindo e se transformando.

Vejo como um auxílio pra [...] pessoas que estão em tratamento psicológico, ou [...] em hospitais, pois muitas leituras até trazem incentivo e apoio [...] em relação a determinadas doenças [...] e auxilia num processo de cura.

[...] todas as pessoas que tem envolvimento com a literatura no geral acho que [...] acabam se beneficiando no sentido de conhecer um mundo novo, [...] muitas pessoas até usam como refúgio, para esquecer os problemas e viver o que está passando ali na história no contexto do livro por exemplo.

Caldin (2010), explica que este processo de identificação só poderá ocorrer com a permissão inconsciente do leitor/ouvinte/espectador, que deseja enfrentar os problemas que o afligem.

Para que o leitor se identifique e se inicie o processo catártico é necessária a utilização de um objeto intermediário, que no caso da Biblioterapia, seria o texto. É ele que possibilita ao leitor fazer interpretações, considerações e liberação das emoções, por isso deve ser motivador para que não se perca o valor na situação de ajuda a que se propõe (CALDIN, 2010; MALTEZ, 2011).

A Biblioterapia ao proporcionar bem-estar, liberação e apaziguamento das emoções, seja na forma de um tratamento, ou apoio na solução de problemas, cumpre sua função

terapêutica, e pode ser considerada muitas vezes como um tratamento como podemos verificar no discurso do sujeito:

[...] é uma espécie de tratamento [...] que proporciona algumas coisas boas [...] pode ser utilizada na cura de doenças [...], promove um bem-estar pra aquela pessoa que está num momento difícil, [...] uma nova visão das coisas ou uma alternativa mais feliz [...].

“O leitor **purifica-se** quando consegue resolver a situação com que se debate e pode, a partir daí, iniciar outro caminho menos doloroso. Os textos literários funcionam assim de forma catártica, purificante” (MALTEZ, 2011, p. 58, grifo do autor).

De modo geral, há evidências que a Biblioterapia vai além de promover bem-estar e ser considerada um tratamento para os males físicos e psíquicos, pois tem seu grau de importância para a sociedade, assim como revelou-se no discurso dos sujeitos:

Eu acho que a Biblioterapia é muito relevante pra nossa sociedade, [...] porque a leitura [...] já é importante [...] e devia ser uma coisa que faz parte da vida de todas as pessoas.

Acredito que seja algo muito importante, até porque quando tu trabalhas com uma pessoa que ela precisa, meio que de um impulso, qualquer maneira é muito viável [...] e a leitura [...] além de dar conhecimento vai fazer ela despertar novos horizontes [...].

Cabe, aqui, destacar as palavras de Fonseca (2014, p. 7)

A biblioterapia oferece requisitos eficazes para amenizar quadros de saúde mental e/ou física, em busca da harmonia pelo bem-estar, servindo como impedimento para o desenvolvimento de doenças, além da busca do entretenimento. Proporciona momentos de descontração, reflexão e lazer, fazendo com que o leitor passe por momentos de conforto nos conflitos cotidianos, ajudando ao homem à busca da compreensão e da solução para seus problemas, fornecendo possibilidades para a manutenção da saúde mental, além de estimulá-lo para a prática diária da leitura.

Para além de possibilitar a percepção de novas realidades, por meio da imaginação a Biblioterapia tem um papel importante para a sociedade que tem relação também ao valor que o livro desempenha, seja a leitura individual ou oralizada desempenha nesse processo.

Para a sociedade, a leitura é a possibilidade de um caminho que privilegia a construção, o pensamento, o dar sentido à própria experiência de vida, dando voz aos seus sofrimentos, forma aos seus desejos e sonhos (PETIT, 2008).

Porém, mesmo sendo importante para a sociedade, apesar do número considerável de artigos e trabalhos monográficos publicados, de ser tema de debates em congressos e eventos da área da Biblioteconomia, a prática de Biblioterapia ainda é pouco reconhecida, pela sociedade e busca legitimidade:

Eu acho que falta isso mesmo, mostrar o conhecimento para as pessoas que fazem [...] e utilizam a leitura [...] sem o conhecimento disso, [...] faz sem saber talvez, instintivamente [...] busca uma leitura, mas não conhece que aquilo [...] faz bem.

Neste sentido, Fonseca (2014) ressalta que:

A biblioterapia, não sendo panacéia para todos os males humanos, é, com certeza, uma terapia complementar para apoiar milhões de pessoas que, ano após ano, experimentam a frustração, o desânimo, estresses, fobias, ansiedades, depressão, causando o desequilíbrio emocional. A biblioterapia oferece alternativa à vida humana. **É por isso que temos forçosamente que desbravar e aprofundar a ideia da biblioterapia para compreender e lidar com situações adversas às nossas vontades** (FONSECA, 2004, p. 8, grifo nosso).

Para além ser importante para a sociedade, o DSC também sinaliza a importância que a Biblioterapia tem para o bibliotecário. Como destaca Berger e Luckmann (2012), o homem constrói a realidade social ao mesmo tempo em que é por ela influenciado. Assim, as narrativas enfatizam a necessidade de o bibliotecário ter uma formação que abarque não somente a formação técnica que tem o maior direcionamento para os processos e técnicas da área, mas que também possibilite uma formação mais humana.

Eu acho que a Biblioterapia é muito importante nesse sentido também que é o de mostrar ao profissional bibliotecário que além da gente ter que ficar levando informação, a gente tem o lado humano e que de certa forma a informação pode fazer bem sim para as pessoas, para além da questão de fazer uma pesquisa ou de procurar uma resposta [...] reforçando a função do bibliotecário como agente de leitura.

Destaca-se que:

A biblioterapia é uma das várias vertentes da Biblioteconomia e um instigante campo de trabalho para o profissional bibliotecário que busca atuar em uma área menos técnica e mais humana, do ponto de vista emocional e psicológico. As demais áreas da Biblioteconomia possuem uma faceta e preocupação humana e social, entretanto apresentam características bem mais tecnicistas; já a Biblioterapia atua e influencia diretamente nas emoções dos indivíduos, tendo como objetivo primordial proporcionar a catarse através do uso e aplicação de técnicas especiais de leitura (JERÔNIMO et al., 2012, p. 461-462).

Desta forma, verifica-se a possibilidade da Biblioterapia como uma alternativa, um campo de atuação para o bibliotecário, onde ele possa desempenhar e cumprir a sua função social, dentro do espaço no qual ele está inserido, aceitando o desafio de promover transformações na sociedade, bem como a criação e manutenção de espaços que promovam o desenvolvimento, bem-estar e autoconhecimento ao ser humano.

4.1 BIBLIOTERAPIA COMO CAMPO DE ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO

Apesar de a literatura pesquisada considerar a Biblioterapia como um campo de atuação para o bibliotecário, e nos discursos já apresentados, ficar evidente a sua importância para a sociedade, ela ainda passa despercebida. Talvez seja pelo fato dos próprios bibliotecários não identificarem outros saberes da Biblioteconomia o que faz com que seu reconhecimento pela sociedade esteja quase sempre relacionado a aspectos técnicos de tratamento, guarda e disseminação de materiais, tornando restrita sua percepção, diante da completude que tem (PINTO, 2005).

Tal entendimento também fica explícito no Discurso do sujeito, quando afirma que: *Pra mim foi muito novo quando ouvi falar que poderia haver Biblioterapia e que o bibliotecário poderia estar associado a uma terapia, ou a alguma coisa relacionada a esse gênero [...]. Afinal [...] as pessoas até hoje não sabem muito bem o que é a biblioteconomia, o que é o bibliotecário [...].*

Neste sentido Pinto (2005), destaca que a área biblioteconômica ainda enfrenta diversos problemas em relação ao seu reconhecimento e legitimação perante a sociedade, e de certa maneira, pelos próprios pares. Assim é de suma importância fazer movimentos, criar ações que modifiquem esse olhar da sociedade e dos próprios profissionais para com a área, considerando a Biblioterapia uma delas, entendimento também percebido pelo Discurso dos sujeitos:

Bortolin (2014, p. 6) ressalta que o bibliotecário “precisa acreditar na sua importância e influência na formação e manutenção de leitores”, e também defende a “ampliação de espaços de mediação de leitura por meio de narrativas literárias, bem como o aumento de bibliotecários envolvidos nessa tarefa”.

A autora relata que estudos no Brasil têm apontado que há um número considerável de contadores de histórias, e que estes atuam nos mais diversos espaços (escolas, hospitais, bibliotecas, teatros, livrarias, bares, restaurantes), porém o número de bibliotecários envolvidos com ações deste tipo ainda é pequeno (BORTOLIN, 2014).

O discurso do sujeito, também corrobora com esse pensamento quando diz que:

É importante [...] usar o espaço da biblioteca como um meio de encontro e de formação cultural, [...] acho bastante adequado [...] principalmente em Biblioteca pública ou escolar que tenha [...] um horário que seja aberto ao público com atividades direcionadas a ele, [...] como ler os livros ou contar as histórias que estão contidas nesses livros, como outras ações culturais também [...].

É consensual, tanto na literatura como no discurso do sujeito, que o bibliotecário pode e deve estar envolvido com ações relacionadas aos aspectos mais humanísticos de sua atuação profissional, que no contexto abordado nesta pesquisa é sua atuação com Biblioterapia. E para isso, há um ponto que precisa ser abordado, que é o bibliotecário ser capacitado para atuar nesta seara, seja por sua disposição natural e/ou principalmente pela formação que recebe na Graduação de Biblioteconomia.

O que significa pensar na formação que o bibliotecário está recebendo, nas disciplinas que compõem o currículo de formação e que estão voltadas para os aspectos humanísticos da área, e que possibilitem a ele utilizar a Biblioterapia de forma segura e efetiva em sua atuação profissional.

Witter (2004) destaca que por não ter pessoal qualificado a biblioterapia ainda é pouco divulgada pelo alto potencial que possui, destaca também os benefícios que pode proporcionar como apoio na solução de problemas psicossociais, além de ser uma opção que não demanda muitos investimentos.

Assim, a Biblioterapia surge como outra forma de atuação para o bibliotecário, exigindo dele uma formação interdisciplinar que possibilite o desenvolvimento de competências voltadas para o aspecto humanista da profissão, transcendendo a formação tecnicista recebida comumente.

Além disso, Almeida e Bortolin (2013, p. 11) consideram que “sendo o curso de Biblioteconomia multidisciplinar, fazer da biblioterapia uma técnica para ser usada na mediação de literatura com os leitores, é uma ajuda de grande valia a todos”.

Para Jerônimo *et al.* (2012, p. 461-462) a biblioterapia é considerada como uma das formas de atuação na Biblioteconomia, além de um potencial campo de atuação para o bibliotecário que pretende trabalhar em “uma área menos técnica e mais humana, do ponto de vista emocional e psicológico.”

A preocupação com o aspecto mais humano na formação do bibliotecário é evidente tanto na literatura pesquisada, como nos discursos dos sujeitos, como se pode verificar:

Ainda há uma [...] visão muito tecnológica da profissão e às vezes perde um pouco o caráter mais humano, de influenciar as pessoas de trazer [...] outra realidade pra um contexto social diferenciado, numa favela por exemplo.

Sobre esse aspecto humano da profissão, esclarece Caldin (2010, p. 44):

Então, o bibliotecário que pretende desenvolver atividades de biblioterapia deve, antes de tudo, nutrir interesse pelo aspecto humano da profissão, esquecendo-se, nesses momentos, dos serviços técnicos para os quais também se preparou na Graduação. É indispensável demonstrar empatia,

interesse e preocupação com o bem-estar do outro, saber escutar os problemas alheios e ser flexível no programa de atividades que planejou a fim de contemplar os gostos de todos os envolvidos no programa. [...].

Nota-se que para além de ter afinidade com a área mais humana da profissão, disponibilidade para ouvir o usuário ou criar ações que incentivem a leitura – em todas as suas formas, é necessário que o bibliotecário também desenvolva outras habilidades e competências para que possa, dentro das possibilidades, dar conta e viabilizar as situações que possam acontecer no contexto no qual esteja inserido.

Para o discurso do sujeito a utilização da Biblioterapia como forma de atuação também possibilita ao usuário outra percepção do bibliotecário, que esteve quase sempre associado aos processos técnicos da área. Aqui se pode observar a objetivação, um dos elementos das representações sociais, já que ocorre a “transformação de uma ideia, de um conceito”, que o usuário tem do bibliotecário (FRANCO, 2004, p. 172).

Além disso, acho que desperta o lado mais humanista da profissão [...] e ajuda a quebrar com aquelas barreiras de o bibliotecário ser aquela pessoa fechada, que só manda as pessoas ficarem em silêncio [...], enriquecendo a relação do bibliotecário com outro profissional e até mesmo com o usuário.

Ao se pensar na Biblioterapia como campo de atuação do bibliotecário, como uma área de atuação interdisciplinar, é necessário considerar outro ponto sinalizado no discurso dos sujeitos desta entrevista, que diz respeito à interação profissional nas práticas de biblioterapia. Assim, ao serem motivados a falar sobre a questão informam que:

Eu acho fundamental, porque o profissional bibliotecário, [...] tem seus conhecimentos técnicos de biblioteconomia, [...] mas também como envolve a terapia, [...] acredito que outros profissionais devem estar envolvidos [...] porque nós somos bibliotecários e a gente entende da leitura e não da parte psicológica da pessoa do estado emocional [...] quem sabe alguém da psicologia ou da medicina [...].

O trabalho interdisciplinar, no contexto da Biblioterapia é uma recomendação para aqueles que desejam utilizá-la como prática. (WITTER, 2004).

Em minha opinião, o profissional bibliotecário não pode ficar isolado e se ele está trabalhando numa unidade de saúde [...] tem que interagir com os enfermeiros, os médicos, o pessoal do setor administrativo [...], pois não tem como o projeto de Biblioterapia se encaminhar se não tiver outros profissionais junto, já que [...] está intrínseca essa interação com o outro no fazer do bibliotecário [...].

A integração profissional em práticas de biblioterapia é vista de forma natural e bem aceita de acordo com o discurso dos sujeitos entrevistados, demonstrando ser um fator primordial para o bom andamento e desenvolvimento das práticas de biblioterapia.

Por esse motivo, nas práticas de biblioterapia a interação profissional exerce um papel fundamental, que deve estar presente desde a sua formação, como destaca Caldin (2010, p. 43), quando retrata que para terem uma visão interdisciplinar da terapia por meio da leitura, os discentes que cursam a disciplina de Biblioterapia oferecida na Graduação de Biblioteconomia da UFSC “realizam leituras de textos das áreas de Biblioteconomia, Literatura, Filosofia e Psicologia” (CALDIN, 2010, p. 43).

De modo geral, a interdisciplinaridade na formação do bibliotecário possibilita ampliação do seu conhecimento desde sua base de formação, bem como atuação de forma segura e efetiva junto a outros profissionais, seja nas práticas de biblioterapia, seja em outras atividades.

Isso não significa dizer que o bibliotecário deva esquecer os processos técnicos inerentes da biblioteca e simplesmente se voltar para práticas com enfoque mais humanístico. É necessário encontrar equilíbrio em sua atuação profissional e inserir os aspectos humanísticos em todos os processos que englobam a biblioteca.

Para Almeida (2005, p. 62) “mediante as interações sociais é que se constroem as representações da realidade social”, bem como as transformam. Nesse sentido a interação profissional, seja nas práticas de Biblioterapia ou em outras atividades possibilita também a desmistificação de que o bibliotecário trabalha de forma isolada e solitária, uma vez que mesmo nos processos técnicos, o contato com outros profissionais e com o próprio usuário se faz fundamental, pois cria uma aproximação e logo a melhoria dos processos e atividades desenvolvidos, sejam eles voltados para os aspectos técnicos ou humanísticos da profissão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar os discursos sobre a óptica do entendimento que os discentes têm da Biblioterapia contribuiu para demonstrar que apesar da Biblioterapia ser considerada uma área incipiente, pouco reconhecida e explorada pelos bibliotecários, o mesmo não ocorre na percepção dos destes.

Na opinião dos discentes, a biblioterapia é uma terapia por meio da leitura e do livro que promove o bem-estar, proporciona um novo olhar para a vida, tem uma função terapêutica, auxilia no apaziguamento das emoções, podendo ser utilizada em hospitais, escolas, creches e bibliotecas. Além disso, entendem a Biblioterapia como técnica/prática da

Biblioteconomia e ressaltam a sua importância como possível instrumento de transformação e integração social.

No que confere à relevância que a Biblioterapia tem para sociedade, os discentes apontam que ela é importante, pois ajuda as pessoas a construir uma nova perspectiva de vida, mudar os padrões. Desenvolve e mune a sociedade com informação.

Isso faz lembrar Petit (2008), que em sua palestra acerca do “Leitor ‘trabalhado’ por sua leitura” resalta que ele não é passivo, pois opera um trabalho produtivo, alterando o sentido do que lê via suas interpretações e, além disso, é transformado pela leitura, quando se depara com algo inesperado e não tem dimensão aonde isso poderá levá-lo.

Ao compartilhar a leitura, cada pessoa pode experimentar um sentimento de pertencer a alguma coisa, a esta humanidade, de nosso tempo ou de tempos passados, seja daqui ou de outro lugar, da qual pode sentir-se próxima.

Assim o fato de ler possibilita abrir-se para o outro, e não é somente pelas formas de sociabilidade e pelas conversas que se tecem em torno dos livros. É também pelo fato de que ao experimentar, em um texto, tanto sua verdade mais íntima como a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma.

Sobre o trabalho do bibliotecário e sua relação com ações que promovam a leitura e o bem-estar, os discentes destacam que ele deve ser um profissional pró-ativo, com o olhar atento ao usuário buscando atender para além da necessidade básica de pesquisa, se envolvendo com as questões sociais do ambiente no qual está inserido, desenvolvendo sua função como promotor de cultura e de interações sociais. Apontam a importância de criar projetos/ações que atraiam as pessoas para a Biblioteca e neste aspecto consideram a Biblioterapia com potenciais para ser utilizada pelo bibliotecário como aplicabilidade no social.

A interação profissional de bibliotecários com outros profissionais nas práticas de Biblioterapia é considerada fundamental na opinião dos discentes, já que possuem apenas formação técnica. Eles acreditam que a união das habilidades de outras áreas pode auxiliar a prática de Biblioterapia, além de permitir uma interação multidisciplinar.

Considera-se também uma preocupação dos discentes em relação aos aspectos humanísticos da formação bibliotecária, uma vez que a formação que recebem durante o curso está mais voltada para formação técnica que atualmente prevalece, apesar de ambas Instituições de Ensino Superior apresentarem em suas matrizes curriculares disciplinas de cunho humanístico.

Em relação a ter uma formação mais voltada para os aspectos humanísticos, as narrativas dos discentes demonstram também, o anseio de estarem preparados para fazer uso da Biblioterapia como técnica, instrumento de trabalho, ou seja, prospectando na Biblioterapia um campo fértil de atuação do bibliotecário. Enfatizam também a importância de se ter um grupo para conversar sobre biblioterapia, bem como divulgação do assunto.

Destaca-se que para além de ter atingido os objetivos propostos, a narrativa dos discentes entrevistados representa a fala do coletivo no universo pesquisado e suscita pontos relevantes que devem ser levados em consideração e repensados, pois dizem respeito: a sua formação no âmbito do curso de Biblioteconomia, uma vez que sobressai a formação técnica ficando a formação humanística em segundo plano e a pouca atuação com Biblioterapia pelos profissionais já formados em Santa Catarina.

E para finalizar as considerações deste trabalho conto com o apoio das palavras de Ziraldo (2009) “aquelas palavras que você precisa ouvir, que vão mudar a sua vida, que vão responder suas perguntas, estão em algum livro por aí, é só procurar.”

O “por aí” de Ziraldo, traz a minha imaginação um universo de possibilidades e lugares, e logo penso em uma Biblioteca. Do mesmo modo, outra imagem me ocorre, pois na busca por “aquelas palavras”, imagino que seja ideal que o leitor e/ou ouvinte encontre um bibliotecário e que este esteja preparado para apoiá-lo no seu anseio por “aquelas palavras”...

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carlos Cândido de. Discurso do sujeito coletivo: reconstruindo a fala do “social”. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação**. São Paulo: Polis, 2005. p. 59-79.

ALMEIDA, Miriam Lúcia; BORTOLIN, Sueli. Biblioterapia e a recepção da literatura. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25, 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2013. Disponível em: <<http://cbbd2013.emnuvens.com.br/>>. Acesso em: 25 out. 2014.

ALVES, Maria Helena Hess. A aplicação da Biblioterapia no processo de reintegração social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, n. 1/2, p. 54-61, jan./jun., 1982.

BANDEIRA, Pedro. Uma alternativa ao desespero. Disponível em: <<http://www.blogdogaleno.com.br/2007/04/04/uma-alternativa-ao-desespero>>. Acesso em: 05 maio 2014.

BERGER, Perter L.; LUCKMAN, Thomas. **A construção social da realidade**. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues; ELLIOTT, Ariluci Goes; ROLIM NETO, Modesto Leite. Biblioterapia com crianças com câncer. **Informação & Informação**, Londrina, v. 17, n. 3, p. 198-210, set./dez. 2012.

BORTOLIN, Sueli. **O leitor-narrador, o leitor-ouvinte e o bibliotecário na floresta literária**. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem01/COLE_1099.pdf>. Acesso em: ago. 2014.

BRAGA, Kátia Soares. Aspectos relevantes para a seleção de metodologia adequada à pesquisa social em Ciência da Informação. In: MUELLER, Suzana P. M. (Org.). **Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília, D.F.: Thesaurus, 2007.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. Florianópolis, **Encontros Bibli: Revista Eletrônica Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n.12, p. 32-44, 2001.

_____. **Biblioterapia: um cuidado com o ser**. São Paulo: Porto das Ideias, 2010.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A.; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

FONSECA, Karla Haydê Oliveira da. A leitura dos clássicos, uma possibilidade biblioterapêutica: por um viver melhor. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 6-12, jan./jun., 2014. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/841>>. Acesso em: 26 ago. 2014.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 121, p. 169-186, jan./abr. 2004.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed; São Paulo: Bookman, 2009.

JERÔNIMO, Viviane, *et al.* Biblioterapia na melhor idade. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 460-471, jul./dez., 2012. Disponível em:<www.revista.acbsc.org.br/racb/article/download/786/pdf>. Acesso em: 26 ago. 2014.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti. **Pesquisa de representação social: um enfoque qualiquantitativo, a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo**. 2. ed. Brasília, D.F.: Liber Livro, 2012.

MACIEL, Aline. **Cada um conta de um jeito**. Florianópolis: Cia Mafagafos, 2012.

MALTEZ, Cristina Maria Rodrigues dos Santos. A biblioteca escolar e a biblioterapia: relato de uma experiência. 2011. 164 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Educação e Ensino a Distância, Universidade Aberta, Lisboa, 2011. Disponível em: <<https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2302/1/Cristina%20Maltez.pdf>> Acesso em: 18 fev. 2014.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.

PEREIRA, Marília Mesquita Guedes. **Biblioterapia**: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em Bibliotecas Públicas. João Pessoa: Editora Universitária, 1996.

PERROW, Susan. **Histórias curativas para comportamentos desafiadores**. 2. ed. São Paulo: Antroposófica, 2013.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.

PINTO, Virginia Bentes. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transinformação**, Campinas, n. 17, jan./abr. 2005.

SEITZ, Eva Maria. **Biblioterapia**: uma experiência com pacientes internados em clínica médica. Florianópolis: ACB; Habitus, 2006.

SUNDERLAND, Margot. **O valor terapêutico de contar histórias**: para as crianças, pelas crianças. São Paulo: Cultrix, 2005.

WITTER, Geraldina Porto. Biblioterapia: desenvolvimento e clínica. In: WITTER, Geraldina Porto (Org.). **Leitura e psicologia**. Campinas: Alínea, 2004. Cap. 9, p. 181-198.

ZIRALDO. **O livro do sim do Menino Maluquinho**. São Paulo: Melhoramentos, 2009.